

Apresentação - “Dinâmicas de gênero, práticas intelectuais e trabalho (Século XX)”

Stella Ferreira Gontijo¹

GONTIJO, S. F. Apresentação - “Dinâmicas de gênero, práticas intelectuais e trabalho (Século XX)”

História Social, vol. 21, p. 01-06, e026006, 2026

O presente dossiê começou a ser gestado ao longo dos debates ocorridos no Simpósio Temático “Percursos da História Intelectual na América Latina: historiografia, conceitos e circulação de ideias”, coordenado pelas professoras Adriane Vidal Costa (UFMG) e Maria Elisa Noronha de Sá (PUC-RIO), no 33º Simpósio Nacional de História da ANPUH, em 2025. Nesse ambiente de profundas discussões a respeito da História Intelectual, com pesquisadores e pesquisadoras de diversas regiões do Brasil e outros países, foi junto com a doutoranda Mariana Adami (UNICAMP) que pudemos aprofundar nossas reflexões e críticas a esse campo historiográfico, especialmente no que concerne à participação feminina e à perspectiva de gênero.² Em nossas discussões ficou evidente a necessidade de aprofundar reflexões sobre os limites teóricos e metodológicos da História Intelectual, a partir da compreensão de que

¹ Doutora em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), pesquisadora de pós-doutorado na “Cátedra Darcy Ribeiro: soberania, educação e política” (IEAT/UFMG), com vínculo no Programa de Pós-Graduação em História da UFMG. Co-coordenadora do grupo de pesquisa “História Intelectual: práticas, narrativas e circulação de ideias” (CNPq). Diretora da Associação Brasileira de História Intelectual (ABRHIN). Email para contato: sfgontijo@gmail.com

² Ressaltamos que Mariana Adami contribuiu de maneira ativa na idealização, formulação e submissão do presente dossiê.

a mera inclusão das mulheres como sujeitos não seria um exercício epistemológico suficiente para superarmos esses limites. É fundamental, sobretudo, compreendermos o gênero como uma categoria de análise³ que contribui para a revisão da forma como enxergamos e trabalhamos a História Intelectual, por nos permitir perceber como as relações de gênero organizam e moldam a sociedade, as relações sociais e a política.

Reconhecemos esforços recentes que têm permitido às pesquisas no campo da História Intelectual avançar nessa compreensão, ampliando seu olhar a partir do gênero como categoria de análise e das mulheres como objeto e fonte de pesquisas diversas. Ao mesmo tempo, ainda faltam reflexões teóricas e metodológicas que possam permitir uma análise adequada à realidade vivida por esses sujeitos historicamente situados.⁴ Da mesma forma, é necessário que a dimensão de gênero seja considerada ao analisar trajetórias masculinas, marcadas pelas relações patriarcais que devem ser observadas, por exemplo, levando em consideração quais são as estruturas que garantem que o intelectual possa realizar seu trabalho reflexivo, de escrita e de intervenção no espaço público.⁵ Na grande maioria dos casos, são os trabalhos de secretariado e de cuidado realizados por mulheres que viabilizam a atuação intelectual masculina e condicionam a atuação pública das mulheres. Essas dimensões de mediação e sustentação da vida articulam os eixos entre História Intelectual, gênero e trabalho sobre os quais propomos refletir.⁶

Também podemos observar, por exemplo, a forma como as mulheres, ao atuarem em redes intelectuais,⁷ ressignificam a dimensão privada do lar.⁸ Um outro ponto a ser considerado são os limites e desafios

³ SCOTT, Joan. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul./dez. 1995.

⁴ HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*. Nº5, 1995, p.07-41.

⁵ SARTRE, Jean-Paul. *Em defesa dos intelectuais*. São Paulo: Editora Ática, 1994.

⁶ PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

⁷ COSTA, Adriane; MAÍZ, Cláudio. *Nas tramas da “cidade letrada”: sociabilidade dos intelectuais latinoamericanos e as redes transnacionais*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2018.

⁸ FERREIRA-GONTIJO, Stella. *Militantes que son mujeres*: Margaret Randall, produção intelectual e

enfrentados por mulheres que se propõem a escrever e atuar na esfera pública, de onde foram historicamente excluídas e silenciadas.⁹ Estas questões, brevemente apresentadas, exigem de nós, historiadoras e historiadores, novos olhares, reflexões teóricas, diálogos e metodologias, capazes de atualizar o fazer da História Intelectual.

Partindo dessas inquietações, formulamos a proposta do dossiê reconhecendo o papel da UNICAMP como universidade de referência nos Estudos de Gênero no Brasil, especialmente pelo trabalho do Núcleo de Estudos de Gênero Pagu, fundado em 1993, e pela revista *Cadernos Pagu*. Para nós, um dossiê sobre esse tema na revista *História Social* possibilita o aprofundamento dessas discussões no campo da História, especialmente da História Intelectual. Além disso, reafirma o papel da pós-graduação na emergência e consolidação de novas fontes, objetos, metodologias, teorias e olhares para a História e a Historiografia. Propusemos reunir pesquisas voltadas à investigação das dinâmicas de gênero que atravessam o trabalho intelectual das mulheres em suas múltiplas dimensões e possibilidades, compreendido desde produções escritas, práticas educacionais e editoriais, produções visuais, fazeres artísticos, comunicações orais, entre outras formas de atuação intelectual feminina. Buscamos trabalhos que refletissem a contribuição das mulheres para sistematizar e difundir um conjunto de saberes e reflexões, dialogando com determinadas tradições a fim de encampar um projeto político, cultural e/ou intelectual.

Nesse sentido, o trabalho da mestranda da UNICAMP, Fernanda Brenelli Rueda, intitulado “A fotógrafa como intelectual: Tina Modotti e o periódico comunista *El Machete* no México pós-Revolução (1923-1929)”, contribui para a discussão a respeito da categoria de intelectual a partir da trajetória da comunista e fotógrafa italiana Tina Modotti. Em sua

os testemunhos das cubanas e nicaraguenses em contextos revolucionários. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2025.

⁹ BEAUVOIR, Simone de. “A mulher independente”. *O segundo sexo: a experiência vivida*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019, p. 503-540. WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

análise ela observou criticamente as narrativas construídas sobre essa personagem, e tensionou a categoria de intelectual também ao considerar a fotografia como produção intelectual e, conseqüentemente, como objeto da História Intelectual ao analisar as fotografias de Modotti no periódico mexicano *El Machete*.

No mesmo caminho, a mestranda da UNICAMP Luiza Emanuel Ferreira Trevenzoli, no artigo “Gioconda Belli: uma intelectual nas disputas pela narração da história recente da Nicarágua”, buscou refletir sobre o significado do/a intelectual a partir de seus lugares de produção e da construção de imaginários sobre a América Latina, ao analisar a trajetória da poeta nicaraguense Gioconda Belli, compreendida aqui como uma intérprete de seu país e, propriamente, do processo revolucionário sandinista e seus desdobramentos. Para isso, ela utilizou como fonte histórica o livro de memórias da autora, *El país bajo mi piel: memorias de amor y de guerra* (2001), compreendido em um contexto de produção autobiográfica propriamente hispano-americano.

Já a mestranda da UFBA, Luzia Beatriz Ramos Alves, em seu trabalho, “Entre o nó e a totalidade social: Heleieth Saffioti, marxismo feminista e disputas conceituais no Brasil (1969-2009)”, ocupou-se da trajetória da socióloga feminista brasileira Heleieth Saffioti, considerada fundamental para o marxismo brasileiro, em especial no que tange ao debate de gênero e ao estabelecimento de uma “tradição feminista marxista” no país. Para isso, ela analisou algumas de suas obras publicadas entre 1969 e 2009, com olhar voltado às discussões a respeito do marxismo, gênero e sociologia do trabalho. A partir da História Intelectual considerou a trajetória e produção da autora em um ambiente de disputas no campo acadêmico a respeito da emergência do debate feminista. Assim, reforçou o papel de Saffioti como uma das intérpretes da sociologia brasileira.

Por fim, Ana Cristina Frias, doutora em História Social da Cultura pela PUC-Rio, colaborou para o dossiê com o artigo “Históricas: as ativistas feministas do Primeiro Congresso Feminino Internacional de Buenos Aires”, analisando os discursos das ativistas feministas que

participaram do Primeiro Congresso Internacional de Mulheres, ocorrido em Buenos Aires em 1910, bem como suas repercussões. A partir de referências da História Intelectual e dos Estudos de Gênero, ela propôs uma leitura sobre esses discursos em busca de compreender a luta dessas mulheres por direitos. Além disso, abordou a importância da preservação, reprodução e publicização desse tipo de fonte histórica, considerando o processo de reedição desses discursos, antes considerados de acesso restrito na Biblioteca Nacional Mariano Moreno, em Buenos Aires.

É significativo que as contribuições sejam todas de jovens pesquisadoras, o que ressalta a atualidade do tema. Rachel Soihet e Joana Maria Pedro¹⁰ já haviam assinalado que a emergência dos Estudos de Gênero e da História das Mulheres esteve historicamente vinculada ao movimento feminista e à entrada de mulheres na academia. Assim, as inquietações cotidianas das mulheres, em um contexto de onda conservadora global, expressam-se nos interesses de pesquisa manifestados no presente dossiê. Ao mesmo tempo, isso evidencia a necessidade de que o debate sobre gênero seja cada vez mais incorporado também por pesquisadoras e pesquisadores com trajetórias consolidadas em diferentes campos da historiografia.

Como afirmamos, este tem sido um campo historiográfico que, assim como muitos outros, têm privilegiado sujeitos masculinos e, por isso, buscamos provocar uma reflexão e ampliar o debate sobre as definições consolidadas de intelectual, a fim de torná-las capazes de incluir as experiências, produções e especificidades da atuação intelectual das mulheres. Para isso, acreditamos que devemos considerar também quais condições materiais, domésticas, afetivas, institucionais, editoriais e políticas permitiram ou impediram essa produção e atuação intelectual. Indagamos sobre o trabalho intelectual feminino na América Latina de modo a compreender a experiência histórica dessas mulheres, e esperamos seguir refletindo coletivamente sobre a História Intelectual a partir do gênero, da divisão sexual e racial do trabalho e da profissionalização da atuação intelectual.

¹⁰ SOIHET, Rachel. PEDRO, Joana Maria. A emergência da pesquisa da história das mulheres e das relações de gênero. In: *Revista brasileira de história*. São Paulo, v. 27, n. 54, 2007, p. 281- 300.

Referências

- BEAUVOIR, Simone de. “A mulher independente”. *O segundo sexo: a experiência vivida*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019, p. 503-540.
- COSTA, Adriane; MAÍZ, Cláudio. *Nas tramas da “cidade letrada”: sociabilidade dos intelectuais latinoamericanos e as redes transnacionais*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2018.
- FERREIRA-GONTIJO, Stella. *Militantes que son mujeres*: Margaret Randall, produção intelectual e os testemunhos das cubanas e nicaraguenses em contextos revolucionários. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2025.
- HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*. Nº5, 1995, p. 07-41.
- PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Bauru, SP: EDUSC, 2005.
- SARTRE, Jean-Paul. *Em defesa dos intelectuais*. São Paulo: Editora Ática, 1994.
- SCOTT, Joan. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul./dez. 1995.
- SOIHET, Rachel. PEDRO, Joana Maria. A emergência da pesquisa da história das mulheres e das relações de gênero. In. *Revista brasileira de história*. São Paulo, v. 27, n. 54, 2007, p. 281-300.
- WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. São Paulo: Tordesilhas, 2014.